

CATHERINE BYBEE

*Casada
até
quarta*



Tradução
Sandra Martha Dolinsky

1ª edição
Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS
EDITORA

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Cleide Salme

Capa, projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

Foto da capa

ATeam / Shutterstock (noiva)

Título original*Wife by Wednesday*

ISBN: 978-85-7686-593-3

Copyright © Catherine Bybee, 2011

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Amazon Publishing, www.apub.com,
em colaboração com Sandra Bruna Agencia Literaria.

Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B997c

Bybee, Catherine, 1968-

Casada até quarta / Catherine Bybee ; tradução Sandra
Martha Dolinsky. -- 1. ed. -- Campinas, SP : Verus, 2017.
23 cm. (Noivas da Semana ; 1)Tradução de: *Wife by Wednesday*

ISBN: 978-85-7686-593-3

1. Ficção americana. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título.
III. Série.

17-40946

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3



— **EU PRECISO DE UMA ESPOSA**, Carter; preciso para ontem.

No banco de trás do carro, a caminho de um Starbucks, Blake Harrison olhou para o relógio pela décima vez em uma hora.

O riso surpreso de Carter irritou até a última célula nervosa de Blake.

— Então escolha qualquer uma e se case.

O conselho despreocupado de seu melhor amigo talvez tivesse algum mérito se Blake pudesse confiar nas mulheres de sua vida. Infelizmente, não era o caso.

— E correr o risco de perder tudo? Você me conhece melhor que isso. Eu não preciso de emoções para atrapalhar algo tão importante quanto um acordo matrimonial.

Um acordo — era exatamente disso que ele precisava. Um contrato. Um negócio que beneficiasse ambas as partes durante um ano. Depois, cada um poderia seguir seu caminho e nunca mais olhar para a cara do outro.

— Algumas mulheres com quem você anda não teriam problema algum em assinar um pacto antenupcial.

Ele já tinha pensado nisso. Mas havia trabalhado arduamente para conquistar sua reputação de canalha sem sentimentos, e não precisava estragar tudo fingindo estar apaixonado para que uma mulher subisse ao altar com ele.

— Preciso de alguém que concorde com o meu plano, alguém por quem eu não sinta a mínima atração.

— Tem certeza de que esse serviço de namoro é o caminho certo?

— Compatibilidade, não namoro.

— Qual é a diferença?

— Eles não atendem aos seus interesses amorosos; atendem ao seu plano de vida.

— Que romântico. — O sarcasmo de Carter falava bem alto.

— Aparentemente, eu não sou o único nessa situação.

Carter riu e engasgou com a própria respiração.

— Na verdade — disse —, eu não conheço nenhum outro homem com o seu título e a sua riqueza que tenha contratado um estranho para lhe arranjar uma mulher.

— Esse sujeito foi muito bem recomendado. É um empresário que ajuda homens como eu em situações semelhantes.

— Qual é o nome dele?

— Sam Elliot.

— Nunca ouvi falar.

O trânsito obstruía o cruzamento a dois quarteirões de onde Blake marcara o encontro com o tal empresário. Os segundos se passavam rapidamente, ultrapassando o horário marcado. Droga, ele odiava se atrasar.

— Tenho que desligar.

— Espero que saiba o que está fazendo.

— O que eu faço é tratar de negócios, Carter.

Seu amigo bufou, em um tom desaprovador.

— Eu sei. É com relacionamentos que você estraga tudo.

— Vá se foder. — Mas Blake sabia que seu amigo estava certo.

— Você não faz o meu tipo.

O motorista de Blake deu uma guinada para poder avançar. Implacável, como seu chefe gostava.

— Vejo você à noite para tomarmos alguma coisa.

Blake desligou o telefone, guardou-o no bolso do casaco e se recostou no banco. Muito bem, estava atrasado. Homens em sua posição podiam chegar com meia hora de atraso e ainda haveria pessoas brigando para fazer parecer que era culpa delas. Muita coisa estaria em jogo nessa reunião. Dependia de Sam Elliot encontrar-lhe uma esposa

antes do fim da semana, para que ele pudesse ficar com a casa ancestral que acompanhava seu título — isso para não mencionar o restante da fortuna de seu pai.

Ele realmente esperava que o contato de seu assistente pessoal soubesse do que estava falando. Caso contrário, Blake poderia ser forçado a abordar o tema casamento com Jacqueline, ou talvez com Vanessa. Jacqueline gostava mais da própria independência do que do dinheiro dele. E o fato de ela ter um amante, além dele, a tirara da corrida matrimonial. Sobrava Vanessa. Linda, loira e já quase futura ex por causa de suas indiretas sobre exclusividade. Ele não gostava da ideia de iludi-la. Era um canalha, mas nunca cruel. Algumas mulheres discordavam disso, e os tabloides o consideravam arrogante e ardiloso. Se os jornais desconfiassem do que ele estava fazendo, escreveriam sobre o assunto e o transformariam em motivo de piada. Ele queria evitar escândalos. A realidade, entretanto, era uma merda, e ele sabia que seu falso casamento precisaria parecer verdadeiro para manter os advogados de seu pai satisfeitos.

Neil parou o longo carro preto junto ao meio-fio e rapidamente abriu a porta de Blake diante do café pintado de verde e branco. Com a pasta de trabalho na mão, Blake ignorou as cabeças viradas quando entrou na loja. O rico cheiro de grãos recém-moídos invadiu suas narinas enquanto ele examinava as mesas à procura do homem que imaginava ser Sam Elliot. Blake supunha que encontraria um homem de terno, carregando uma pasta repleta de fichas de possíveis esposas.

À primeira vista não encontrou nada, então tirou os óculos escuros e recomeçou. Um jovem casal, cada um com seu notebook, bebericava seus *lattes* em uma mesinha. Em outra, um homem de bermuda e camiseta discutia com alguém ao celular. Um casal fazia pedidos no balcão, com um carrinho de bebê ao lado. Avançando um pouco mais, Blake notou a silhueta delicada de uma mulher com uma massa de cabelos ruivos encaracolados. Ela estava de costas e tamborilava com os dedos do pé ansiosamente, ou talvez estivesse ouvindo música com fones de ouvido. Com os olhos ainda espreitando a pequena multidão, Blake encontrou um homem solitário sentado em uma poltrona de ve-

ludo. Usava calça casual e parecia ter quase cinquenta anos. Em vez de uma pasta, segurava um livro. Blake estreitou os olhos e captou a atenção do sujeito. Mas, em vez de um lampejo de compreensão, o olhar sombrio do homem voltou para o livro.

Que droga. Talvez o sr. Elliot estivesse preso naquele mesmo engarrafamento.

Atrasos nunca eram um bom presságio para clientes em potencial, independentemente do negócio de que se tratasse.

Se Blake tivesse escolha, teria dado meia-volta e ido embora.

Então ele passou pela ruiva solitária, contornou o carrinho de bebê e pediu um café simples. Resignado, se sentou por alguns minutos para esperar. Colocou a pasta em uma mesa vazia e foi pegar o café quando o adolescente atrás do balcão chamou seu nome.

Blake sentiu o peso do olhar de alguém percorrer-lhe a espinha. Examinou o ambiente para ver quem o observava. Instantaneamente, um par de olhos verde-esmeralda se estreitou. A mulher delicada sentada sozinha não estava ouvindo música ou lendo uma revista. Estava encarando-o.

Seus olhos impressionantes se desviaram para um notebook antes de voltar para ele. Um lampejo de reconhecimento surgiu. Ele já tinha visto essa expressão antes, cada vez que alguém ligava seu nome a sua imagem. Ali, na Califórnia, isso não acontecia com tanta frequência quanto em casa, mas Blake conhecia a sensação.

A mulher parecia inofensiva, até que abriu a boca e falou em um tom decidido:

— Você está atrasado.

Três palavras. Bastaram três palavras, numa voz tão sexy que exalava pecado e humilharia operadoras de disque-sexo, para deixar Blake sem fala.

Ele assimilou as palavras da ruiva.

— Como?

— Você é o sr. Harrison, certo?

Era uma pergunta simples, mas Blake não a compreendeu. Respondeu no piloto automático, completamente desorientado pela mulher à sua frente:

— Sim.

Ela se levantou, e só chegou ao ombro dele.

— Sam Elliot — se apresentou, estendendo a mão.

Não era comum Blake ficar aturdido. No entanto, com apenas meia dúzia de palavras, a mulher à sua frente o aturdera. Ele estendeu a mão para pegar a dela, e uma onda de calor o dominou. O olhar penetrante e o sorriso sagaz da jovem oscilaram com o aperto de mãos. A palma dela era fria, ainda que sua atitude estivesse totalmente sob controle.

— Você não é um homem. — Blake quis soltar um gemido. Era a coisa mais idiota que já havia dito a uma mulher em toda sua vida.

A srta. Elliot, no entanto, não se abalou.

— Nunca fui.

Enquanto retirava sua mão da dele, ela lhe ofereceu um sorriso que expôs os dentes perfeitos. Um instante depois, ele já sentia falta desse sorriso.

— Eu estava esperando um homem.

— Eu ouço muito isso. Na maioria das vezes, é uma vantagem para mim. — Ela indicou uma cadeira à sua frente. — Gostaria de se sentar para começarmos?

Ele hesitou; não tinha certeza se deveria continuar com a “entrevista” ou insistir que a mulher mudasse de gênero. Blake não se considerava machista, mas contemplar aquela mulher, que já se sentava e cruzava as pernas, vestindo calça social, desviava sua atenção do objetivo final e a atraía diretamente para ela. Sam Elliot era o epítome da contradição, e Blake ainda não sabia nada sobre ela.

Ele lhe daria dez minutos para provar que podia fazer o que ele precisava. Se ela não provasse, iria embora e exploraria outras opções.

Blake abriu o botão superior do paletó antes de se sentar.

— Sam é abreviação de Samantha?

— Sim.

Samantha não olhou para ele enquanto tirava uma pilha de papéis de uma pastinha que havia apoiado na lateral da cadeira. O breve sorriso que ela lhe dera havia desaparecido, substituído por uma linha fina entre os lábios.

— Você usa “Sam” para enganar seus clientes?

A mão dela, que empurrava a pilha de papéis na direção dele, parou.

— Você teria vindo se soubesse que eu era mulher?

Provavelmente não. Sem dizer isso em voz alta, ele a observou.

Samantha inclinou a cabeça e continuou:

— Essa é a questão, sr. Harrison. Vamos ver se eu estou lendo corretamente suas intenções. Você estabeleceu um limite de tempo para que eu prove minha capacidade. Quanto? Vinte minutos?

— Dez — ele deixou escapar sem querer. O que havia na voz sedutora daquela mulher que roubava sua capacidade de segurar a língua?

Ela sorriu de novo, e Blake sentiu um nó no estômago, um desejo súbito e indesejado.

— Dez minutos — repetiu ela. — Para lhe mostrar exatamente como planejo encontrar a esposa perfeita para seus objetivos de curto prazo. Um empresário como você espera rapidez, eficiência e nenhuma bagagem emocional para complicar as coisas.

Ela o observava, e seus olhos verdes nunca vacilavam. O nariz atrevido e sardento parecia inocente demais acima daqueles deliciosos lábios rosados enquanto ela pronunciava as palavras com sua voz sedutora, quase erótica.

— Estou certa até agora?

— Completamente.

— Mulheres são emocionais, por isso o seu assistente pesquisou sobre o meu serviço, para começar. Meu palpite é que há muitas mulheres que venderiam a alma para casar com você, sr. Harrison, mas você não confia nelas o suficiente para lhes dar o título.

Na maioria das vezes, era ele quem expressava suas necessidades. Os papéis invertidos deveriam tê-lo feito se sentir exposto. Porém, de alguma forma, ouvir Sam Elliot, que definitivamente não era um homem, explicar seu dilema não o fez se sentir assim. Ao contrário, ele estava totalmente confortável. Havia ido ao lugar certo para resolver seu problema.

— Como vou saber se posso confiar na mulher que você encontrar?

— Eu faço uma triagem entre todas as possibilidades em meu catálogo, tão rigorosamente quanto seleciono o cliente. A verificação deta-

lhada dos antecedentes expõe pendências financeiras, hábitos pessoais e esqueletos escondidos no armário.

— Você fala como um detetive particular.

— Nem de longe. Mas posso entender por que você teve essa impressão. O que eu faço é combinar pessoas.

Blake se recostou e cruzou as mãos sobre o peito. Gostava dela, decidiu, e mentalmente acrescentou mais dez minutos a seu tempo preestabelecido.

— Podemos prosseguir?

Ele pegou seu café e assentiu.

Sam alcançou uma caneta e virou para si os papéis que havia empurrado à frente dele.

— Tenho algumas perguntas a fazer antes de permitir que o processo avance.

Blake ergueu a sobrancelha diante daquelas palavras. Interessante.

— Quanto tempo eu tenho para convencê-la, srta. Elliot?

Ela o olhou através de seus longos cílios.

— Cinco minutos.

Ele se inclinou para a frente, completamente intrigado com o que ela determinaria sobre ele nesse tempo.

— Você já foi preso?

Seus registros estavam limpos, mas a questão não era essa. Ele sabia que, se mentisse para Sam, ela recolheria suas coisas e sairia porta afora.

— Eu tinha dezessete anos, e o cara que acertei estava cantando a minha irmã. A queixa foi arquivada. — Como todas as queixas contra crianças na posição dele.

— Você já bateu em alguma mulher?

Ele apertou a mandíbula.

— Nunca.

— Já quis? — Ela lhe lançou um olhar afiado.

— Não. — Violência não combinava com sua personalidade.

— Preciso do nome do seu amigo mais próximo.

— Carter Billings.

Ela anotou o nome.

— Pior inimigo?

Ele não esperava por essa pergunta.

— Não sei como responder a isso.

— Vou reformular, então. Quem dos seus conhecidos gostaria de ver você se dar mal?

Seus pensamentos examinaram a lista de parceiros de negócios que poderiam ter se sentido prejudicados ao longo dos anos. Nenhum ficaria mais rico se ele morresse. Havia apenas uma pessoa que talvez visse as coisas de um jeito diferente.

— Que imagens surgem na sua cabeça, sr. Harrison?

Blake tomou um gole de café e o sentiu bater no fundo do estômago com um baque.

— Só uma.

Samantha ergueu os olhos para ele, aguardando a resposta.

— Meu primo, Howard Walker.

O queixo levemente contraído de Sam e os ombros que caíram de maneira quase imperceptível foram as únicas indicações do impacto de suas palavras. Para a surpresa de Blake, Samantha Elliot apenas anotou a informação e não fez mais perguntas.

Ela removeu a folha superior de sua pilha de papéis e lhe entregou as demais.

— Vou precisar que você preencha isto. Pode me mandar por e-mail, o endereço está no rodapé da página oito.

— Eu passei no seu teste, srta. Elliot?

— A sinceridade precisa ser mantida durante todo o processo. Até agora, está tudo certo para mim.

Foi a vez de Blake sorrir.

— Eu poderia ter mentido sobre a acusação de agressão.

Samantha começou a arrumar suas coisas enquanto falava:

— O nome dele era Drew Falsworth. Fazia dois meses que você tinha feito dezessete anos quando quebrou o nariz dele em um jogo de polo na escola preparatória que ambos frequentavam. Drew tinha a reputação de namorar meninas até conseguir levá-las para a cama antes de dispensá-las e passar para a próxima. Sua irmã era esperta e ficava

longe. Se você não tivesse acertado o canalha para proteger a sua irmã, ou se tivesse mentido para mim e eu descobrisse, a entrevista teria terminado antes mesmo de você se sentar.

— Como é que você...

— Tenho uma extensa lista de contatos, e tenho certeza de que vai ouvir falar da maioria deles até o fim do dia.

Pode apostar. Ele ligaria para seu assistente antes de chegar ao carro.

— Quanto isso vai me custar, srta. Elliot?

— Pense em mim como uma agente. Quando o seu advogado elaborar o pacto antenupcial, tenha em mente que eu recebo vinte por cento do que oferecer à sua futura esposa.

— E se eu oferecer a ela apenas uma pequena pensão?

— As mulheres com quem eu trabalho têm um mínimo aceitável, que está escrito nessa pilha de papéis.

— E se a mulher não cumprir a parte dela no acordo? Se contestar o contrato depois de um ano?

Samantha se levantou, não dando a Blake nenhuma escolha a não ser imitá-la.

— Isso não vai acontecer.

— Você parece muito segura disso.

— A soma predeterminada, a parte dela, vai ficar em uma conta. Se a mulher tentar brigar por mais, esse dinheiro vai pagar seus advogados para silenciá-la. E o que sobrar é seu. Isso só mudaria se um filho entrasse na jogada e o teste de paternidade provasse que é seu. Eu não me meto com tribunais de família e crianças. Vai depender de você manter o zíper da calça fechado, sr. Harrison. Isso, naturalmente, se pretender terminar o casamento depois do ano acordado. Senão, divirta-se sendo feliz para sempre e dê o meu nome para a sua filha.

Ela havia pensado em tudo. Dizer que ele estava impressionado era um eufemismo.

— Preciso desses papéis até as três da tarde. Às cinco, entrarei em contato com uma lista de mulheres. Posso arranjar as reuniões para amanhã, se a sua agenda permitir.

Blake pegou a bolsa de Sam e lhe entregou. Ela afastou uma mecha de cabelo rebelde dos olhos e pendurou a alça no ombro.

— Mais alguma pergunta, sr. Harrison? Ou devo chamá-lo de “Sua Graça”?

A maneira lenta como ela pronunciou a forma de tratamento devida ao título de Blake, com sua voz hipnótica, era algo com que ele bem poderia se acostumar. Ele não se importaria de ouvi-lo novamente, ao telefone...

— Que tal Blake? — respondeu.



Assim que Sam se certificou de que não estava sendo observada, sentou diante do volante e permitiu que o sorriso do gato de Alice que sentia profundamente dentro de si se espalhasse em seu rosto. Uma indigna dancinha do Snoopy a fez balançar o traseiro no couro macio.

— Já não era sem tempo — sussurrou para si mesma.

O elegante duque era seu ingresso para a alta sociedade. Desde a fundação da Alliance, ela imaginava clientes como Blake Harrison procurando seus serviços — homens ricos que precisavam arranjar uma esposa para poder riscar o item da lista de coisas a fazer antes de morrer. Ela encontrava esposas para homens que não tinham tempo ou vontade de encarar o jogo do namoro. Eles não estavam procurando amor, apenas companhia. Alguns homens queriam uma esposa para que suas amantes parassem de cobrar compromisso. Até aquele momento, ela tinha muitas referências pessoais que a ajudavam a construir seu negócio e uma renda estável para se sustentar.

Com Harrison e seu potencial lucro estimado, ela poderia pagar sua maior despesa por uns bons dois ou três anos. Pelo menos, era o que esperava.

Milionário por esforço próprio, Harrison não precisava do dinheiro de seu falecido pai. Mas, se ele permitisse que uma fortuna suficiente para comprar um pequeno país desaparecesse na caixinha de caridade ou nas mãos do primo que Blake havia mencionado, seria uma pena. Com toda a corrupção e os escândalos associados a instituições de caridade, não era preciso dizer onde o dinheiro acabaria ou que bolsos engordaria. Sam sabia muito bem como o dinheiro de altruístas muitas vezes caía em mãos gananciosas.

A situação de Harrison traria obstáculos que ela nunca havia enfrentado. Seu título poderia ser o maior problema a superar. Ela teria que examinar as possíveis candidatas para ter certeza de que não tinham o sonho pueril de se tornar duquesas. Anos de contos de fadas da Disney eram difíceis de combater, e, combinados com a beleza de Harrison, as mulheres teriam que ser cegas para não querer mais dele do que seu dinheiro ou seu título.

As fotos que ela vira de Harrison não lhe faziam justiça. Ela sempre precisava olhar para cima para conversar com os homens, com seu um metro e sessenta e cinco de altura, mas Blake tinha um e oitenta e cinco em dias ruins, e seus ombros eram ondulados de músculos. Ela tinha visto fotos dele em tabloides em uma praia do Taiti, as quais sugeriam o corpo escondido sob o terno. Quando ele entrou no café, todos os olhares se voltaram para ele, mas Blake nem percebeu. Ele simplesmente perscrutou o salão procurando por ela. Com qualquer outro cliente, ela teria se levantado no segundo em que ele batera a porta atrás de si, mas, com Blake, Sam precisara de um minuto para se recompor. Seu maxilar firme e robusto e os impressionantes olhos cinzentos penetraram sua carapaça normalmente tranquila e fizeram seu coração pular.

A aparência dele poderia ser uma distração. Seria melhor para todos os envolvidos se a mulher que ele escolhesse como esposa morasse em um país, e ele, em outro. Passar muito tempo com Blake deixaria qualquer mulher com sangue nas veias tentada a ir para a cama com ele.

Sam tirou o celular da bolsa e ligou para sua assistente.

— Alliance, Eliza, pois não?

— Oi, sou eu.

— Como foi? — Eliza perguntou, sem rodeios.

— Perfeito. Você acessou os arquivos e fez as ligações?

— Sim. Joanne é a única que não está disponível no momento.

Sam pensou na morena alta.

— É mesmo? Por quê?

— Parece que está namorando.

É, isso tendia a estragar o casamento com outro homem. Sem Joanne, havia três candidatas perfeitas. A menos que Blake tivesse algum proble-

ma com mulheres bonitas, ela arrumaria uma esposa para ele até quarta-feira. E ainda era segunda.

— Azar o dela.

— Você vem para cá?

— Tenho uma coisa para fazer, depois vou.

— Traga almoço.

Eliza e Sam eram amigas havia bastante tempo, muito antes de a relação comercial entre elas decolar.

— Como sua chefe, não é você que deveria pegar o meu almoço?

— brincou Sam.

— Não quando a minha patroa de tendências escravagistas não fica no escritório nem por tempo suficiente para atender o telefone.

Escritório... que piada! Sam usava o quarto extra de sua casa como sede da empresa.

Rindo, ela disse:

— Chego aí em meia hora.

— É melhor ligar para a Moonlight primeiro.

Sam se aprumou no banco.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa?

A preocupação a fez sentir um nó no estômago, causando um familiar sentimento de pânico.

— Nada urgente. A Jordan não está comendo muito bem. Eles acham que você devia passar lá e falar com ela.

Samantha soltou um longo suspiro e forçou seus ombros a relaxarem.

— Tudo bem.

Seus planos para a tarde se complicariam tendo que ir à clínica onde sua irmã mais nova estava internada. Da última vez em que Jordan parou de se alimentar, acabou no hospital com uma infecção que se espalhou pela corrente sanguínea. Sam esperava que sua irmã só estivesse deprimida, não doente. Era triste que fossem esses os principais motivos para Jordan não estar comendo.

Mas o que mais haveria? A depressão havia levado Jordan a tentar o suicídio, o que resultara em um acidente vascular cerebral, em vez da morte.

— Eu vou me atrasar, mas, se puder esperar, eu levo o almoço.

— Me avise se for ficar presa.

— Aviso. Obrigada.

Sam desligou, deu partida no carro e rumou para a Moonlight Villas. A clínica particular custava mais de cem mil por ano, e era a razão pela qual Samantha precisava da renda que um acordo com Blake Harrison propiciaria. Ela estava um mês atrasada com suas contas pessoais e sempre entregava os cheques da Moonlight uma semana ou duas após o vencimento. A última coisa que Sam queria era desmoronar sob a pressão financeira e acabar tendo que colocar Jordan em uma clínica pública. Ela seria negligenciada nesses lugares e provavelmente acabaria com escaras e infecções incuráveis em um mês. Não; Sam seria capaz de morar no próprio carro se fosse preciso, para evitar que isso acontecesse.

Pensando no duque, Sam sabia que as coisas não acabariam assim. Ele perderia cerca de trezentos milhões de dólares da herança de seu pai se não se casasse até o fim do mês. Blake provavelmente pagaria à mulher uma bolada, portanto daria à Alliance o suficiente para quitar as contas por algum tempo. Tudo o que Sam precisava fazer era colocar as mulheres em fila e se certificar de que nenhuma delas apertasse o botão do pânico.

Fácil, fácil. Pelo menos, era o que ela esperava.